

Chasco-do-deserto *Oenanthe deserti* no Cabo Espichel: uma nova espécie para Portugal

Desert Wheatear *Oenanthe deserti* at Cabo Espichel: a new species for Portugal

J. Lima Santos, F. Lima Santos

O Cabo Espichel é bastante frequentado por observadores de aves da Grande Lisboa, em particular durante o período de migração pós-nupcial dos passeriformes (Agosto-Novembro). A partir de meados de Outubro, o número de silvídeos, pequenos turdídeos e outros migradores diminui bastante, mas a chegada dos fringílidos, tordos e diversas espécies invernantes acrescenta um novo interesse a este local. Foi exactamente nesta fase final da migração pós-nupcial que detectámos, às 9:45 horas do dia 1 de Novembro de 2008, um chasco pequeno, muito claro, numa zona de chão limpo perto de uma figueira, nas proximidades do Santuário de Nossa Senhora do Cabo.

A ave estava a caçar formigas-d'asa no chão e em voo. Pousava, por vezes, na figueira ou em cima de pedras para cuidar da plumagem. Esticava então a asa com ajuda da pata ou descaía as duas asas ao mesmo tempo que inflava a plumagem do corpo. Voou, por diversas vezes, para o telhado do Santuário, regressando sempre ao mesmo local ao fim de pouco tempo. Em menos de 5 minutos de observação, quando de um pequeno voo, mostrou bem o padrão da cauda e do uropígio: a primeira quase totalmente preta, em contraste com a mancha branca grande do uropígio e supra-caudais. Ficou então claro tratar-se de um Chasco-do-deserto *Oenanthe deserti*.

Nesta fase da migração, havia já poucos Chascos-cinzentos *O. oenanthe* no Cabo e, quando o Chasco-do-deserto foi detectado, não estava nenhum nas proximidades. Mesmo assim, a ave chamou logo a atenção pelo porte diminuto e, sobretudo, pela coloração cinzento-acastanhada muito clara das partes superiores. A dimensão era aproximadamente a de um Chasco-ruivo *O. hispanica*, mas o porte parecia mais erecto.

A comparação directa com um Chasco-cinzento

acabou por ser possível, um pouco mais tarde, e confirmou a menor dimensão do Chasco-do-deserto, acentuada por alguns caracteres estruturais que lhe conferiam aspecto de ave muito mais pequena: cabeça relativamente maior e mais redonda, pescoço mais curto, e bico mais curto e fino (e aparentemente mais claro). A cor clara e acinzentada da coroa, nuca e manto tornaram-se ainda mais evidentes quando comparadas directamente com os tons arruivados do Chasco-cinzento presente no local.

Durante quase três horas em que pudemos observar o Chasco-do-deserto, a uma distância entre 10 e 20 metros, apuraram-se ainda os detalhes que adiante se descrevem (ver figura 1).

As **marcas faciais** eram pouco pronunciadas, o que tornava o olho preto e grande mais contrastante no centro da face pálida. Juntamente com o bico fino e a cabeça grande e redonda, o olho grande conferia à face da ave maiores semelhanças com um rabirruivo do que com um Chasco-cinzento. A listra superciliar branco-sujo/camurça era pouco evidente, sobretudo à frente do olho, onde se misturava com o loro claro (listra ocular muito borrada e diluída à frente do olho). Atrás do olho, a listra ocular era mais nítida, evidenciando melhor a listra superciliar clara e separando-a das auriculares, que eram castanho-ocre, em contraste com a coroa e a nuca mais claras e acinzentadas.

A coloração clara do manto tornava-se ainda mais clara na proximidade da asa: as escapulares formavam uma mancha quase linear, muito clara, cuja visibilidade variava bastante com a posição da ave face à luz incidente.

Na asa, as pequenas coberturas alares eram muito claras e branco-sujas/acinzentadas, juntando-se assim à mancha clara das escapulares.

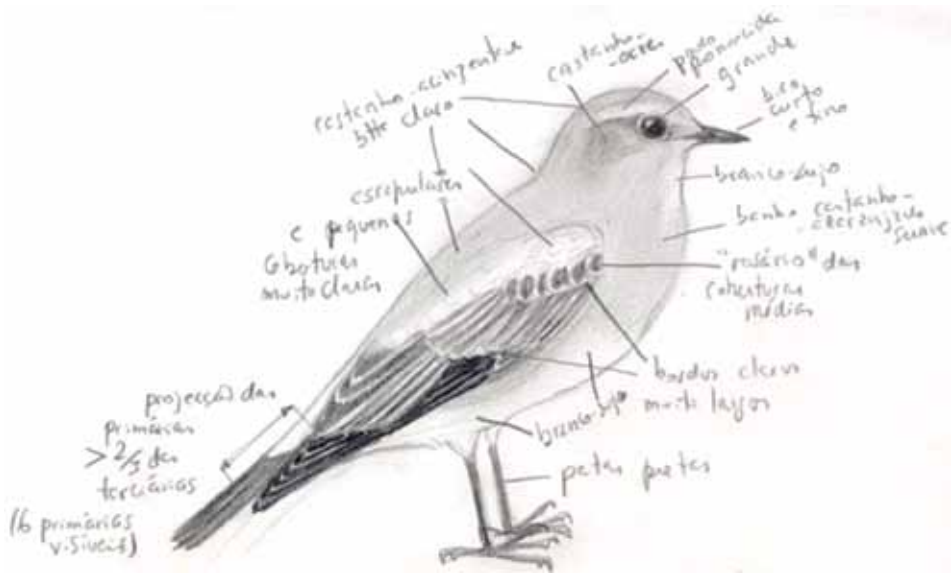


Figura 1. Esboço de campo do Chasco-do-deserto *Oenanthe deserti*, Cabo Espichel, 1 de Novembro de 2008

As médias e grandes coberturas tinham centros escuros e bordos claros largos, cor de camurça, que apresentavam filamentos compridos muito frescos, que davam a esta parte da asa um tom bastante claro e evidenciavam a muda recente. Os centros escuros das médias coberturas, orlados por largos bordos claros, desenhavam um rosário muito nítido (tipo petinha). As terciárias e secundárias eram mais escuras, mas também nitidamente orladas de castanho claro. As primárias eram ainda mais escuras, mas castanhas (não pretas), com bordos claros muito finos e nítidos, os quais permitiam contar pelo menos 6 primárias emergentes relativamente às terciárias – a projecção das primárias era superior a 2/3 do comprimento das terciárias. Quando a ave esticava a asa, a zona das coberturas infra-alares parecia genericamente clara, embora apresentasse algumas manchas escuras na parte frontal da asa (pequenas coberturas infra-alares).

O peito e a garganta estavam cobertos por um “banho” de tom castanho-alaranjado suave (centro da garganta mais claro, quase branco) em contraste com o abdómen e as infracaudais branco-sujos, algo mais claros. A mancha algo mais escura do peito estendia-se aos flancos.

As **patas** eram pretas.

A **cauda** era quase completamente preta, em

contraste com a mancha branca-suja grande do uropígio e supracaudais, apenas maculada por 2-3 penas com tons alaranjados. Na cauda preta eram visíveis, a curta distância, quando a ave abria a cauda (sobretudo ao pousar), as curtas bases brancas das rectrizes externas.

A maior parte dos detalhes da plumagem, sobretudo da asa, indicam tratar-se de uma fêmea adulta, com a plumagem invernal recém adquirida. As primárias muito frescas parecem excluir a possibilidade de se tratar de uma fêmea em plumagem de 1º Inverno.

O Chasco-do-deserto nidifica numa faixa relativamente estreita desde Marrocos até à Mongólia, passando pelo NO da Arábia, Irão e Ásia Central; inverte no Norte de África e na Ásia, da Arábia ao NE da Índia (Lewington *et al.*, 1991: 341). Ao longo desta ampla distribuição em longitude, distinguem-se três subespécies: *homochroa* no Norte da África Ocidental; *deserti* no Médio Oriente e *atrogularis* na Ásia Central (Jonsson, 1992). Na presente observação de uma fêmea em plumagem invernal, não foi possível determinar a subespécie. Porém, em diversas observações feitas no Sul da Europa (Espanha e Malta) de aves em plumagem nupcial, foi possível identificar as características do

tipo ocidental (Moore, *com. pess.*).

O Chasco-do-deserto é um migrador de curta distância (Mullarney *et al.*, 1999: 264), com uma passagem escassa em Chipre, sobretudo em Março/Abril (Lewington *et al.*, 1991: 341). No resto da Europa é um divagante raro, tendo sido registado pelo menos nas Ilhas Britânicas, França, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Noruega, Suécia, Finlândia, Estónia, Letónia, Polónia, Alemanha, Suíça, Itália (sobretudo Sicília), Malta, Espanha, Gibraltar e Grécia (Lewington *et al.*, 1991: 341; Tarsiger bird pages, 2009).

Para caracterizar o padrão espacial e sazonal das observações desta espécie na Europa, apurámos os 158 registos (nem todos homologados por um comité de raridades) constantes do site finlandês Tarsiger bird pages (2009) e elaborámos, com base nestes registos, o histograma da figura 2. Este apresenta o total de registos na Europa para cada uma das três décadas (inicial, intermédia e final) de cada mês.

Nesta figura, verifica-se que 89% das observações ocorreram durante a migração pós-nupcial, com 61% entre a década final de Outubro e o fim de

Novembro (ver também Jonsson, 1992: 400). A moda estatística corresponde à primeira década de Novembro.

As restantes observações (11%) ocorreram durante a migração pré-nupcial (Março-início de Junho). Estas observações tiveram quase exclusivamente lugar no NE da Europa (Holanda, Dinamarca, Estónia, Suécia e Finlândia), onde a migração pré-nupcial parece ser mais notada (tal como em Chipre).

Este padrão é claramente consistente com a data deste primeiro registo para Portugal: 1 de Novembro. É aliás interessante notar que, apesar de o número de registos em Espanha ser ainda reduzido, dois machos diferentes da mesma espécie foram observados 10 dias mais tarde (10 e 11 de Nov.-2008) em duas praias da Galiza (Gutiérrez, 2009). Assim, na Ibéria Ocidental, onde as observações da espécie são menos frequentes do que mais para norte (ou para leste) no continente europeu, estas observações tendem, como seria de esperar, a estar ainda mais concentradas no período de maior probabilidade (primeira década de Novembro).

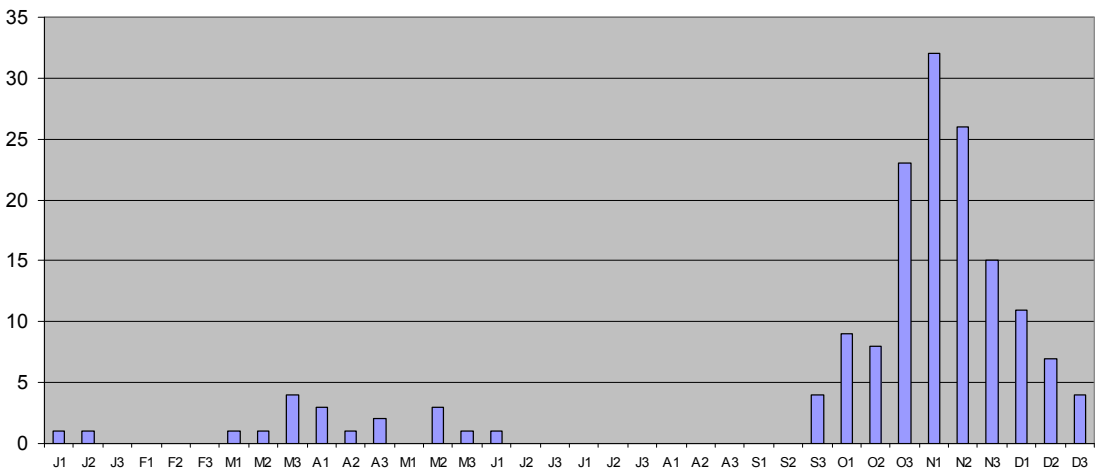


Figura 2. Padrão sazonal das observações de *Oenanthe deserti* em diversos países da Europa (número total de registos para as três décadas de cada mês). **Fonte:** elaborado a partir dos 158 registos de observações da espécie em diversos países europeus que constam no site Tarsiger bird pages (2009)

SUMMARY

On 1st November 2008, a small, pale wheatear was found at Cabo Espichel. Within the first few minutes of observation it was possible to identify it as a Desert Wheatear *Oenanthe deserti* when,

during a short flight, the tail and rump pattern became visible: tail almost completely black in stark contrast with a big white area covering the rump and uppertail-coverts. The pale and greyish colour of the crown, nape and mantle were clearly

apparent as was the long, very pale area formed by the scapulars and the lesser coverts. Detailed plumage features were observed at close range, which indicated a fresh winter plumage of a typical female. An analysis of the spatial-seasonal pattern of recent observations of the species in Europe shows that the date of this record matches the maximum likelihood period for this species to be seen in Europe – the first ten days of November.

REFERÊNCIAS

- Gutiérrez, R. 2009. *Rare Birds in Spain*. www.rarebirdspain.net (acedido a 29 de Setembro de 2009).
- Jonsson, L. 1992. *Birds of Europe with North Africa and the Middle East*. Christopher Helm.
- Lewington, I., Alström, P. & Colston, P. 1991. *A field guide to the rare birds of Britain and Europe*. Harper Collins Publishers.
- Mullarney, K., Svensson, L., Zetterström, D. & Grant, P.J. 1999. *Collins Bird Guide*. Harper Collins Publishers.
- Tarsiger bird pages. 2009. www.tarsiger.com (acedido a 29 de Setembro de 2009).